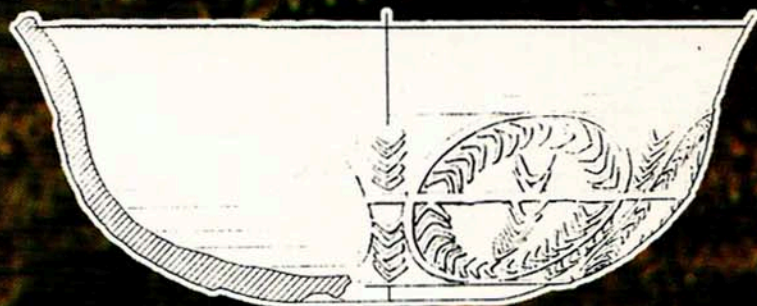
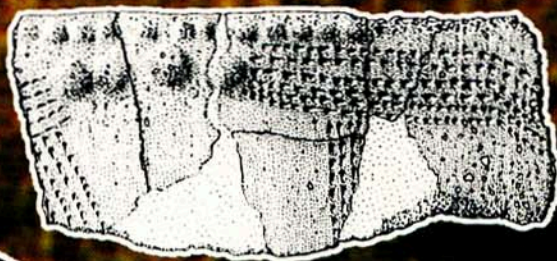
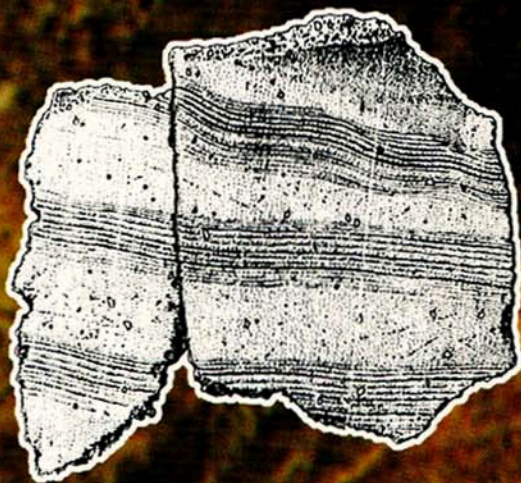


# CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 1 · ANO DE 1999



EDIÇÃO DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

# A Necrópole do Prazo no contexto das necrópoles medievais portuguesas

VÍTOR MATOS \*

EUGÉNIA CUNHA \*\*

Departamento de Antropologia  
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra  
3000-056 Coimbra  
e-mail: [cunhae@cygnus.ci.uc.pt](mailto:cunhae@cygnus.ci.uc.pt)  
[vmatos@condor.ci.uc.pt](mailto:vmatos@condor.ci.uc.pt)

## INTRODUÇÃO

A Necrópole do Prazo, Freixo de Numão, tem sido objecto de várias campanhas de escavação arqueológica desde 1995. Desde então foram inventariadas 22 sepulturas, um sarcófago inacabado e um ossário de onde foram exumados um total de 75 indivíduos.

A equipa de arqueologia responsável pela intervenção inferiu quatro períodos de utilização da Necrópole. A baliza cronológica inferior situa-se no séc. V, altura em que predominariam as sepulturas escavadas na rocha (três). Já numa fase posterior, entre os séculos VII e IX, os sepulcros eram construídos através do alinhamento de pedras (seps. 19, 21 e 22). Por volta do século X, ter-se-á procedido à ampliação do templo passando os enterramentos a ser efectuados no interior da igreja onde, numa primeira fase, as sepulturas seriam feitas igualmente de grandes pedras alinhadas com tampas de xisto ou granito e sarcófagos também de granito (7 sepulturas). Um outro conjunto, cronologicamente posterior, reúne sarcófagos de forma antropomórfica, em número de dois, e ainda sepulturas com lajes de xisto dispostas na vertical com tampas também de xisto (4).

O número total de sepulturas, 22, está claramente subestimado. Há zonas nesta necrópole, nomeadamente, as da Baixa Idade Média, em que terá havido destruição de sepulturas há cerca de 40 anos, em consequência de trabalhos agrícolas. Como já adiantado numa publicação anterior sobre esta necrópole (Cunha e Matos, 1999), considerámos pertinente uma subdivisão em duas sub-séries: uma do século V ao século IX — que corresponde a 7 sepulturas de onde foram exumados apenas 10 indivíduos —, e outra, que engloba 11 sepulturas datadas desde o século IX a meados do século XIII, que corresponde a 51 indivíduos. Os restantes esqueletos exumados não têm contexto cronológico definido. Não obstante termos adoptado esta divisão cronológica, só os resultados das datações por <sup>14</sup>C em curso, poderão confirmar a sua pertinência. É que a barreira entre os dois grupos é algo fluida: trata-se da ampliação do templo que terá

levado à realização das inumações no interior do mesmo. Temos, assim, duas evidências inultrapassáveis; primeiro que estamos perante, apenas, uma parte do cemitério representado por 22 sepulturas, segundo que não se pode considerar o conjunto de esqueletos exumados como representativo de uma população no sentido de um aglomerado de pessoas que habitou um mesmo espaço numa mesma época. Ao contrário, estamos em presença de uma sucessão de gerações diferentes que habitaram provavelmente um mesmo espaço físico — questão ainda não esclarecida —, ao longo de, pelo menos, 700 anos. Torna-se evidente que o total de indivíduos recuperados através dos seus restos ósseos, 75, é claramente diminuto para um tão largo período de tempo. Por outras palavras, não podemos considerar este conjunto de esqueletos exumados da necrópole do Prazo como representativo da população em questão, sobretudo enquanto as questões da cronologia e da dimensão real da necrópole não estiverem bem esclarecidas.

Assim, se numa primeira abordagem antropológica, deste sítio, procedemos à descrição e análise bioarqueológica de cada uma das sepulturas as quais foram subdivididas em quatro núcleos cronológicos de ocupação (Cunha e Matos, 1999), no presente artigo analisam-se os principais resultados paleobiológicos do conjunto de indivíduos fazendo, na medida do possível, a sua contextualização no contexto das necrópoles medievais portuguesas e nalguns casos, ibéricas.

São vários os núcleos populacionais portugueses conhecidos através da análise paleobiológica dos seus restos humanos (ver Cunha, 1999, Cunha, 1997) a permitirem algumas comparações antropológicas. Como, no entanto, e entre outras razões, a análise antropológica das populações do passado é uma tradição mais antiga e mais estabelecida na vizinha Espanha, as séries medievais espanholas são em maior número (ver Cunha e Crubézy, 1999

\* Colaborador do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

\*\* Professora Associada no referido Departamento.

e Cunha, 1998) e, conseqüentemente, uma referência comparativa torna-se, por vezes, pertinente.

**ASPECTOS DE ANTROPOLOGIA FUNERÁRIA**

O tipo de sepulturas utilizadas no Prazo, inclusivamente a evolução do tipo de sepulcro ao longo dos cerca de 7 séculos de utilização desta necrópole, é muito semelhante ao detectado noutras necrópoles medievais, nomeadamente do Norte de Portugal: Fão (Cunha, 1994), Resende (Santos *et al.*, 1996) Panque e Marialva (Amaral *et al.*, 1997) são disso exemplo.

O xisto e o granito são, por razões da maior disponibilidade, as pedras mais utilizadas. A forma das sepulturas é geralmente rectangular e/ou trapezoidal, havendo casos de simulação de antropomorfismo. À semelhança de Fão, também no Prazo, para a Baixa Idade Média, é possível discernir dois tipos de enterramentos: uma primeira fase de caixa em granito e tampa em xisto e uma fase posterior com caixa e tampa predominantemente em xisto. Este tipo de sepulcros, com um carácter inacabado, insere-se num período em que a morte seria anónima. Efectivamente, não se registou qualquer caso de espólio arqueológico ou referências escritas nas tampas das sepulturas. Segundo Barroca (1987), os corpos eram envolvidos num simples sudário de linho e depositados directamente na sepultura em posição de decúbito dorsal com pequenas variações. Nenhum enterramento do Prazo terá sido efectuado com uma posição diferente desta. A orientação das sepulturas far-se-ia de acordo com a crença na Ressurreição, ou seja, viradas para Nascente. O solo das sepulturas era ora composto pela própria terra ou por placas de xisto.

A percentagem de sepulturas reutilizadas, 50% (fig. 1) é muito significativa. Assim, apesar da reutilização dos sepulcros ser um dado adquirido para a época em questão, a frequência agora detectada é superior à de Fão (36% de sepulcros reutilizados) que já na altura tinha sido considerado como um valor relativamente elevado quando comparado com necrópoles medievais coevas ibéricas (Nanclares *et*

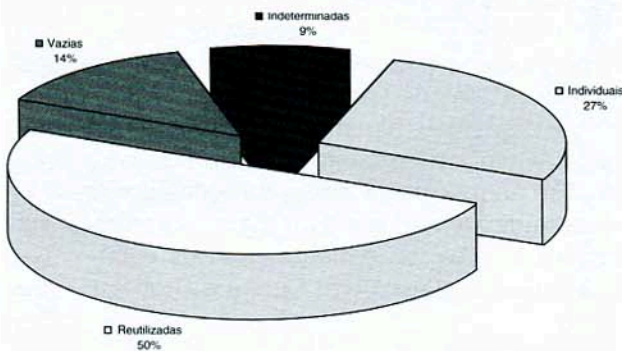


Figura 1 – Frequência de sepulturas individuais, reutilizadas, indeterminadas e vazias na Necrópole do Prazo.

*al.*, 1986; Recio, 1986; Arenal e la Rua, 1990 *in* Cunha, 1994). A grande reutilização das sepulturas verificada no Prazo é também superior à detectada para a Necrópole de S.Pedro de Marialva (Meda) onde 40% das 86 sepulturas escavadas albergavam mais do que um indivíduo (Amaral *et al.*, 1998).

Só foi dectatado um ossário.

A frequência de indivíduos por sepultura é bastante variável: conforme se pode observar na figura que se segue, os sepulcros que albergavam 4 indivíduos são os mais frequentes (5 casos) havendo a realçar o facto de existirem 7 e 8 indivíduos numa mesma sepultura (1 caso para cada).

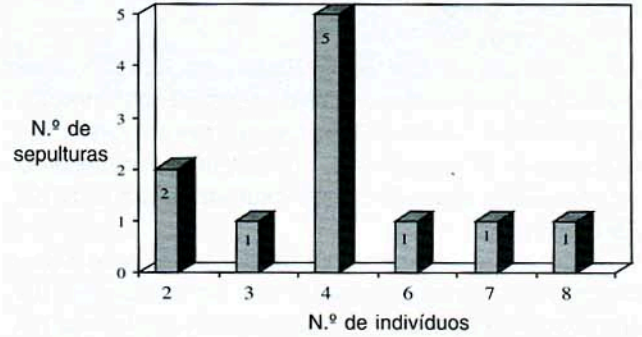


Figura 2 – Frequência de sepulturas com dois e mais indivíduos.

**Principais Resultados Paleobiológicos**

Para a leitura dos resultados deste capítulo, e como já foi referido, há que não esquecer que se trata de um conjunto de indivíduos que, em rigor, não pode ser considerado como se de uma só população se tratasse.

A generalidade dos ossos humanos recuperados estão incompletos e fragmentados. Para as sepulturas reutilizadas, há também um grande remeximento do material ósseo a não permitir a reconstrução de esqueletos individuais.

**DADOS DEMOGRÁFICOS**

Conforme já mencionado, a grande maioria dos esqueletos exumados na necrópole do Prazo são posteriores ao século IX (Fig. 3 )

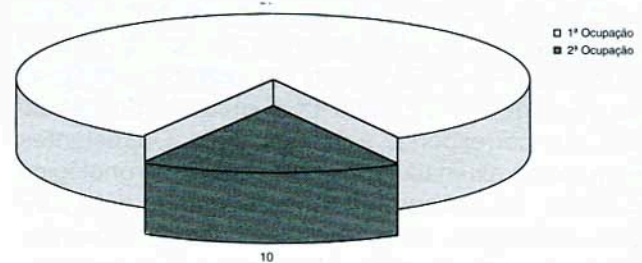


Figura 3 – Número de indivíduos exumados para cada um dos grandes períodos cronológicos.

Dos 51 indivíduos da 2ª fase de ocupação, 6 eram não adultos (fig. 3). A leitura deste gráfico mostra claramente a sub-representação dos indivíduos não adultos (inferiores a 20 anos). Já a comparação com outras séries, nomeadamente com a proveniente de S. Pedro de Marialva — onde 40% dos 137 indivíduos recuperados são não adultos —, torna esta sub-representatividade por demais evidente.

Quanto à porção adulta, apesar da fragmentação dos ossos ter inviabilizado a aplicação de muitos dos métodos de estimativa da idade à morte, há indicadores claros de uma parte da população ter vivido para além da quarta década de vida (Cunha e Matos, 1999).

## ASPECTOS MORFOLÓGICOS

No que se refere a aspectos morfológicos as conclusões, derivadas dos ossos, que normalmente despertam mais interesse são as da estatura. Para além de ser um parâmetro caracterizador das populações, a estatura permite inferências sobre as condições de vida. Quando se procede a análises paleobiológicas, a altura de um indivíduo é normalmente estimada com base no comprimento dos ossos longos. Entre estes, o fémur seguido pela tibia, são os mais correlacionados com a estatura em vida. No gráfico seguinte apresentam-se alguns valores estaturais calculados com base nestes ossos. Como era esperado, e devido ao dimorfismo sexual, os homens são cerca de 10-12 cm mais altos que as mulheres. Destaque para a detecção de alguns homens eventualmente altos para a Idade Média, nomeadamente com mais de 170 cm. Por outro lado, independentemente do período a que se reportam, os valores encontrados enquadram-se dentro dos estimados para outras necrópoles portuguesas (Cunha e Crubézy, 1999).

## A ANÁLISE DA DENTIÇÃO

Os dentes, ao constituírem o material mais duro do corpo humano, são os que mais frequentemente melhor resistem à passagem do tempo. Para além da odontologia, há outros aspectos, concretamente os do foro da patologia oral, que permitem destrinçar informações importantes. Entre os resultados obtidos para a paleopatologia da cavidade bucal, destacamos os seguintes:

— A frequência de cárie detectada não é significativamente alta. Assim, dum total de 346 dentes examinados, 41 apresentavam lesões cariogénicas. Esta percentagem de dentes cariados — 11.8% — enquadra-se, perfeitamente, nos resultados estimados para outros núcleos populacionais medievais ibéricos (Cunha e Crubézy, 1999). Efectivamente, em 9 dos sítios pesquisados, a percentagem destas lesões varia entre 3 e 12.3%. A comparação com a incidência em Fão (4.8% de dentes cariados) e S. João de Almedina (8.9% de dentes cariados a afectar cerca de metade da população)

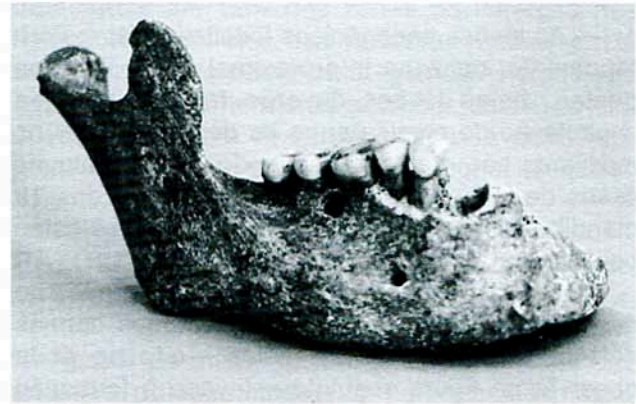


Figura 4 – Fragmento mandibular direito do indivíduo da sepultura 21 com evidência de abscesso sob os primeiros molares.

População	x masc.	d.p.	N	x fem.	d.p.	N	Método
Canac	167	6.8	14	154.8	2.4	12	Manouvrier, 1893
S.J.A	165.7	4.3	18	153.4	4.9	14	Olivier <i>et al.</i> , 1978
La Olmeda	163.5	5.4	69	157.1	3.95	47	Olivier et Tissier, 1975
Burgos	168		51				Olivier et Tissier, 1975
Logrono	168		26	157			Olivier et Tissier, 1975
La Torrecilla	167			150.6			Olivier et Tissier, 1975; Manouvrier ( <i>in</i> Olivier, 1960)
S.M.Hito	168	6.8		159	6.9		
Catalunha	170			157			
Sta Eulalia	166		79	157		39	Troter et Glesser
S.J.Momoitio	170	0.05	17	155	0.05	12	Troter-Glesser, 1952
Prazo <sup>1</sup>	168.2	4.2	5	156.9	5.4	3	Olivier <i>et al.</i> , 1978

Tabela 1 — Valores médios da estatura, por sexos, para algumas séries de necrópoles medievais ibéricas (*in* Cunha e Crubézy, 1999).

<sup>1</sup> De referir que foi possível estimar a estatura em mais indivíduos com base noutros ossos, nomeadamente metatarsianos e úmero. No entanto, e por uma questão de não misturar resultados de diferentes metodologias, os aqui apresentados para o Prazo derivam apenas da tibia e fémur.

e ainda com outras séries coevas espanholas, não revela a existência de grandes assimetrias.

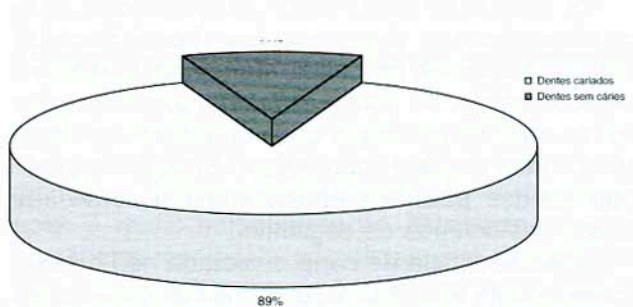


Figura 5 – Percentagem de dentes com lesões cariogénicas.

Outro resultado obtido dentro do esperado é o da incidência de cárie por tipo de dente. São os molares, os mais lesionados: do total de dentes afectados, 85.4% são molares (35/41). Relembre-se que é sobretudo este tipo de dentes que efectua a mastigação e que, simultaneamente, engloba alguns dos dentes que mais cedo erupcionam definitivamente (o primeiro molar).

— As lesões cariogénicas localizam-se, maioritariamente, na zona interproximal e cervical dos dentes. Estas lesões deverão ter resultado da impactação de comida entre os dentes. Ambos os maxilares são afectados havendo a referir alguns casos de indivíduos com várias cáries: 4 das 19 mandíbulas e 3 dos 11 maxilares superiores estão policariados.

- Quanto a estados infecciosos mais graves ao nível da cavidade oral, foram detectados apenas dois abscessos tendo um deles — que se pode observar na figura seguinte — levado à formação de um canal que terá propagado a infecção para o seio maxilar.



Figura 6 – Vista superior de um maxilar onde é possível constatar a presença de um canal formado sobre o seio maxilar direito, e cuja origem terá provavelmente sido um abscesso.

— A perda de dentes ocorrida em vida é significativa. Conforme se pode observar na figura 7, da análise dos maxilares disponíveis, verificou-se que 75.6% (35/45) dos dentes molares foram perdidos *ante-mortem*, sendo o caso mais grave o apresentado na imagem que se segue.



Figura 7 – Metade esquerda da mandíbula da sepultura 4 onde é possível observar a perda *ante-mortem* de 6 dentes.

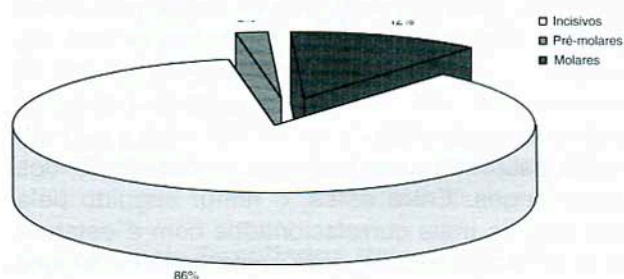


Figura 8 – Percentagem de cáries por tipo de dente na série osteológica do Prazo.

Atendendo ao facto desta amostra não parecer incluir indivíduos idosos, a perda de dentes *ante-mortem* será essencialmente explicada pelo regime alimentar. Apesar de não ser possível apresentar a etiologia precisa, é quase certo que cáries graves ou um forte desgaste terão desempenhado um papel determinante na perda de dentes. Por outras palavras, um grande esforço mastigatório e/ou, alimentos naturalmente adocicados terão levado, ora à perda gradual da coroa dentária até à destruição do próprio dente, ora a processos infecciosos que culminariam com a perda do dente. De qualquer modo é importante aqui lembrar que a dieta é apenas um dos factores que pode levar ao desenvolvimento de cáries<sup>2</sup>. A consistência dos alimentos e o modo como estes são preparados influencia, fortemente, a cariogénese nas populações humanas.

— Finalmente, e para terminar a análise da patologia oral, uma referência aos depósitos de tártaro. Não obstante ser um parâmetro de difícil

<sup>2</sup> As cáries dentárias são um processo patológico caracterizado pelo desmineralização focal dos tecidos duros dos dentes pelos ácidos orgânicos produzidos pela fermentação bacteriana dos hidratos de carbono da dieta, especialmente açúcares.

avaliação, já que as sucessivas manipulações do material osteológico contribuem para o desprendimento do tártaro, o facto de se terem observado vestígios e/ou acumulações de *calculus* dentário em 144 dos 326 dentes disponíveis, constitui um dado não menosprezável. Com efeito, esta frequência, certamente sub-estimada, estará relacionada com a falta de higiene oral que permitiria uma acumulação gradual de placa dentária.

Quanto ao desgaste dentário, que não é uma patologia, o padrão detectado, designadamente a afectar mais os dentes posteriores (molares e pré-molares) que muito frequentemente apresentavam já exposição de dentina secundária e até mesmo perda parcial da coroa, a sua quantificação não revelou assimetrias relativamente a outros indivíduos medievais ibéricos. São poucos os dentes com desgaste máximo (grau 8, na escala de Smith, 1984): só dois pré-molares apresentam destruição total da coroa.

## PATOLOGIA DEGENERATIVA

A pesquisa de lesões de carácter degenerativo ao nível das articulações, tanto no esqueleto apendicular como no axial, não mostrou existirem casos muito severos. Há casos de artrose mas que nunca atingiram os estádios mais graves da doença. Uma análise mais detalhada da incidência da artrose na coluna vertebral na presente série osteológica, revela que as vértebras lombares são as mais afectadas seguidas pelas torácicas e pelas cervicais.

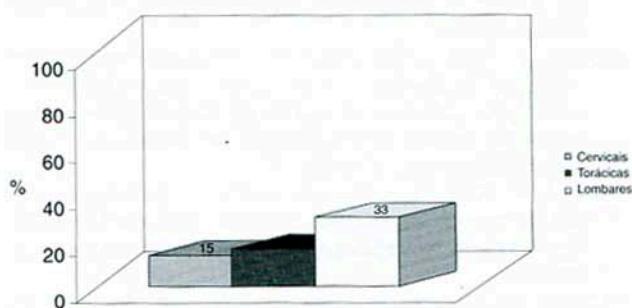


Figura 9 – Percentagem relativa à incidência de alterações degenerativas em cada tipo de vértebra

Este é um resultado normal: também nas populações actuais as vértebras lombares são as mais afectadas. A zona torácica é, no entanto, a que é menos afectada por causa da relativa estabilidade conferida pela caixa torácica e pela própria configuração destas vértebras. No caso da população do Prazo, a maior incidência de artrose na zona torácica do que na zona do pescoço (cervical) deverá dever-se à baixa frequência de indivíduos idosos que normalmente são afoitos a lesões cervicais. Com efeito, actualmente, a maior parte dos indivíduos com mais de 60 anos apresentam sinais de artrose ao nível cervical (ver Thillaud, 1996).

Noutras séries medievais (S. João de Almedina, Santa Clara-a-Velha, entre outras), que incluem uma maior proporção de indivíduos idosos, as lesões cervicais são mais frequentes.

No que se refere às articulações dos membros, à semelhança da coluna, não há lesões degenerativas graves a destacar, sendo que a articulação mais afectada é a do joelho com 40% de incidência do lado esquerdo e 19% do lado direito. Provavelmente, o desenvolvimento de lesões degenerativas neste local terá a ver com lesões de artrose secundárias, ou seja, devidas a um esforço mecânico a esse nível, eventualmente ligado a ocupação profissional que implicasse esforço físico. Para tentar corroborar esta ideia, pesquisaram-se, também, as zonas de inserção muscular e/ou tendinosa, as denominadas entesopatias já que estas estão normalmente relacionadas com a repetição contínua de determinados movimentos que culminam com a calcificação da entese. Contudo, não foram encontrados resultados relevantes: ao nível dos membros só se observaram calcificações ligamentares graves ao nível da parte posterior do calcâneo. As lesões mais exuberantes são raras e só foram detectadas em 12% das zonas de inserção dos ligamentos amarelos nas vértebras lombares. Há assim uma dupla evidência do grande esforço físico a que a coluna, mormente a lombar, estava sujeita o que certamente se ficará a dever à actividade profissional, muito provavelmente agrícola.

## PATOLOGIAS INFECCIOSAS E HIPOPLASIAS DO ESMALTE

Apesar da importância destes parâmetros nas análises paleopatológica e paleoepidemiologia, os resultados obtidos para a série da Necrópole do Prazo encontram-se certamente subestimados devido, essencialmente, ao mau estado de preservação da maioria do material osteológico exumado. De facto, foram detectados apenas sete casos de periostite<sup>3</sup> (em tíbias) alguns dos quais com nítida remodelação óssea.

Quanto aos indicadores de stress episódico e não específico dos dentes, as denominadas hipoplasias do esmalte dentário, são muito raros os casos detectados. Esta ausência de hipoplasias se por um lado se fica a dever ao mau estado de conservação dos dentes, que não permitiu a leitura destas lesões, por outro é causada pela não recuperação da maioria dos dentes mais propensos a estes defeitos no esmalte, os incisivos e os caninos.

Pelo exposto, não é possível tirar ilações sobre estes dois parâmetros interactuantes e decisivos no estado de saúde geral de um dada população.

<sup>3</sup> Periostite: reacção infecciosa de etiologia não específica.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Ao longo de, pelo menos, 700 anos, a Necrópole do Prazo foi utilizada como local onde se procedeu ao enterramento sucessivo dos mortos de uma comunidade de indivíduos que provavelmente seriam habitantes da região. Uma vez que não foi possível considerar os esqueletos exumados como representativos de uma população — dada a incerteza relativamente à datação aliada ao facto de a maioria das sepulturas conter no seu interior ossos remexidos e desconexos —, o conjunto dos restos ósseos humanos encontrados nas 22 sepulturas, que de certa forma representam apenas uma porção do espaço utilizado para a deposição dos mortos daquela comunidade, não permitiu retirar informações relativamente aos vários parâmetros demográficos e sua evolução ao longo dos séculos.

Os dados da antropologia funerária revelam que a percentagem de sepulturas reutilizadas é um pouco superior à de Fão e à de Marialva, as duas necrópoles que, pela suas localização e cronologia, nos pareceram mais pertinentes para estabelecer comparações com o Prazo. No entanto, num contexto ibérico, as três necrópoles possuem valores de reutilização bastante elevados.

Relativamente à estatura, não existem grandes diferenças quando se procede a uma comparação com outras séries mais ou menos coevas.

No âmbito da patologia oral, a percentagem de cáries, mais uma vez, não difere significativamente dos valores das restantes séries, quer portuguesas, quer espanholas. Os dentes mais afectados por lesões cariogénicas são os molares. Para além da significativa perda de dentes *ante-mortem*, que terá uma explicação essencialmente relacionada com o regime alimentar, os casos de infecções que afectam a cavidade oral (ex: abscessos), são esporádicos. A falta de uma higiene oral regular permitirá certamente explicar as frequentes deposições de tártaro encontrados. Os dentes posteriores são os que apresentam um desgaste mais significativo, o que, novamente, não difere das restantes séries ibéricas.

A patologia degenerativa articular não possui uma forte expressão no material ósseo da necrópole do Prazo.

Para a área do Côa para além da Necrópole do Prazo, há outras necrópoles que têm vindo a fornecer material osteológico importante. Referimos, sobretudo, à Necrópole de S. Pedro de Marialva, já mencionada, onde foram escavadas 86. Em Castelo de Numão (Cardoso, 1998) e Carrazeda de Ansiães (Cardoso, 1998a), deu-se início a intervenções arqueológicas de onde têm sido recuperados esqueletos medievais. O seu número é ainda demasiadamente escasso, respectivamente, 6 e 9 esqueletos, para permitir comparações pertinentes.

Cremos que a continuação dos trabalhos arqueológicos, quer nestas necrópoles como noutras da zona do Côa, irá certamente contribuir para um melhor caracterização das populações que habitaram aquela zona durante a Idade Média.

**AGRADECIMENTOS:** Agradecemos à ACDR de Freixo de Numão o subsídio concedido para a análise antropológica dos ossos humanos da Necrópole do Prazo.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, M.A.; CUNHA, E.; UMBELINO, C.; TAVARES, T. SOROMENHO, M. 1998. A Necrópole da Igreja de S. Pedro Marialva (Meda) Aspectos arquitectónicos, arqueológicos e antropológicos. Poster apresentado nas 1<sup>as</sup> Jornadas de Arqueologia da Beira Interior. Guarda.
- BARROCA, M. 1987. *Necrópoles e sepulturas medievais entre o Douro e Minho*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.
- CARDOSO, F. 1998. *Relatório da análise antropológica do material osteológico proveniente do Castelo de Numão (Numão)*. Relatório técnico. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra. Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia. Policopiado.
- CARDOSO, F. 1998a. *Relatório da análise paleobiológica do material osteológico da Igreja de São João Baptista (Carrazeda de Ansiães)*. Relatório técnico. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra. Laboratório de Paleodemografia e Paleopatologia. Policopiado.
- CUNHA, E. 1994. *Paleobiologia das populações medievais portuguesas. Os casos de Fão e S. João de Almedina*. Tese de Doutoramento. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- CUNHA, E. 1997. Populações medievais portuguesas (séculos XI-XV). A perspectiva paleobiológica. *Arqueologia Medieval*. 5: 57-83.
- CUNHA, E. 1998. La population de Canac dans son contexte medieval. In: Crubézy, E. et al. *Le Paysan Médiéval en Rouergue*. Cimitière et église de Canac (Campagnac, Aveyron). Musée Archeologique de Montrozier. Guide d'archéologie n<sup>o</sup>5: 175-182.
- CUNHA, E. 1999. Paleobiologia, História e quotidiano: critérios da transdisciplinaridade possível. *Estudos Medievais*. Universidade Nova/Livros Horizonte. Entregue para publicação.
- CUNHA, E.; Crubézy, E. 1999. Comparative biology of the medieval populations (IX-XV centuries) of the Iberian Peninsula and Southwest of France: Problematics and perspectives. *Revista Espanola de Antropologia Biológica*. Submetido a publicação.
- CUNHA, E.; Matos, V. 1999. Dados bioarqueológicos para o conhecimento dos habitantes do sítio do Prazo (Freixo de Numão) durante a Idade Média. In Sá Coixão, A. N. *Rituais e culto da morte na região de Entre Douro e Côa*. Freixo de Numão. A.C.D.R. de Freixo de Numão.
- MATOS, V. 1998. *Paleobiologia da população medieval da Necrópole do Prazo (Freixo de Numão)*. Relatório de investigação em Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra.
- OLIVIER, G.; Aaron, C.; Fully, G.; Tissier, H. 1978. New estimations of stature and cranial capacity in Modern Man. *Journal of Human Evolution*, 7: 513-518.
- OLIVIER, G.; Tissier, H. 1975. Estimation de la stature féminine d'après les os longs des membres. *Bull. Et. Mém. Soc. Anthropol. Paris*, 2, XII, 297-306.

- ROBERTS, C.; Manchester, K. 1995. *The archaeology of disease*. 2<sup>nd</sup> Ed. Cornell Univ. Press. Ithaca, New York.
- SÁ-COIXÃO, A.N. 1995/6. Relatórios apresentados ao IPPAR das campanhas de escavações arqueológicas no sítio do Prazo em 1995 e 1996. Policopiado.
- SANTOS *et al.* 1996. *A medieval necropolis in Resende (Portugal). What happened to the bones?* Poster apresentado na II Reunion de Tafonomía y Fossilización. Zaragoza.
- SMITH, B.H. 1984. Patterns of molar wear in hunter-gathers and agriculturalists. *American Journal of Physical Anthropology*. 45:581-588.
- THILLAUD, P. L. 1996. *Paléopathologie humaine*. Paris. Kronos B. Y. Paris